

MARÉ ALTA

Peça em 3 quadros de JOÃO PEDRO DE ANDRADE. Destinada ao Teatro-Estúdio do Salitre, a sua representação foi proibida pela censura (1974).

[...]

Cena única: o interior de um farol numa ilha isolada. Actualidade.

Numa ilha abandonada e selvagem, dois faroleiros, Filipe e João, recolhem Ana, cujo pai, com quem vivia isolada no outro extremo da ilha, acaba de falecer. A solidão, agravada no caso de Filipe pela idade e a longa permanência no farol, e pela traição de sua mulher, que saldou com um crime de morte, levam os dois camaradas a combinar a partilha, pura e simples, de Ana, a qual, suspeitando algo de anormal, tenta fugir-lhes. Mas acaba por se tornar, simultaneamente, amante de Filipe e João. Este, por quem Ana sente uma acentuada preferência, acalenta o projecto de partir da ilha com ela; Filipe, porém, impossibilitado de voltar ao continente por temer a justiça, devido ao crime que cometera, convence João a manter a ambígua situação triangular. Em noite de temporal, que isola ainda mais a ilha, Filipe roga mais uma vez a Ana que seja só dele. Na sua ausência, surge o barqueiro Tio Vicente, que demandara o farol para levar Ana e João para a Ilha Grande. O temporal obriga-os, no entanto, a adiar a fuga. Surpreendidos por Filipe, este ameaça-os de morte, mas acaba por compreendê-los e auxiliá-los na partida.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 226.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.